

DUELO TAMBÉM É COISA DE MULHER?: A PRESENÇA DOS DUELOS NOS ROMANCES DE FOLHETINS DO JORNAL DAS SENHORAS - RJ

DUELS ARE ALSO A WOMAN'S AFFAIR?: THE PRESENCE OF DUELS IN THE SERIALIZED NOVELS OF JORNAL DAS SENHORAS - RJ

GISELE NASCIMENTO^{1*}

Resumo: Este artigo analisa a presença de duelos, prática historicamente associada à masculinidade, à honra e à virilidade, nos folhetins publicados no *Jornal das Senhoras*, periódico direcionado ao público feminino e fundamental para a difusão da cultura letrada entre mulheres no Brasil oitocentista. Considerando o folhetim como espaço privilegiado de circulação de modelos de sensibilidade, moralidade e comportamento, investiga-se como o jornal incorporava o duelo às tramas românticas que oferecia a suas leitoras. Nessas narrativas, o duelo aparece integrado a um ideal romântico de cavalheirismo, no qual a defesa da honra, a figura do homem virtuoso e o código de conduta regulado pela cortesia masculina são elementos centrais. Longe de problematizar ou criticar essa prática, o *Jornal das Senhoras* a apresenta como parte legítima do repertório literário da época, reforçando imagens idealizadas da masculinidade e da honra.

Palavras-chave: Honra; Literatura; Duelos.

Abstract: This article examines the presence of duel, a practice historically associated with masculinity, honor, and virility, in the serialized novels published in *Jornal das Senhoras*, a periodical directed toward a female readership and fundamental to the dissemination of women's literary culture in nineteenth-century Brazil. Considering the serialized novel as a privileged space for the circulation of models of sensibility, morality, and behavior, the study investigates how the newspaper incorporated dueling into the romantic plots offered to its readers. In these narratives, the duel appears integrated into a romantic ideal of chivalry, in

^{1*} Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, bolsista CAPES. (Email: gisenascimento1432@gmail.com)

which the defense of honor, the figure of the virtuous man, and a code of conduct governed by masculine courtesy are central elements. Far from problematizing or criticizing this practice, *Jornal das Senhoras* presents it as a legitimate component of the literary repertoire of the period, reinforcing idealized images of masculinity and honor.

Keywords: Honor; Literature; Duels.

INTRODUÇÃO

A formação do público leitor feminino no Brasil oitocentista não pode ser compreendida fora das tensões que estruturam a sociedade patriarcal do período. Em um país onde a honra masculina funcionava como eixo normativo da vida pública e privada, às mulheres destinava-se um conjunto rígido de expectativas sociais: serem mães, esposas devotas e guardiãs do lar². Ainda assim, é justamente nesse espaço de contradições que emergem sinais de deslocamento. A abertura gradual da instrução feminina, incorporada timidamente ao projeto nacional após a Independência, revela não apenas uma mudança institucional, mas também um rearranjo profundo no imaginário social sobre o papel da mulher na esfera cultural. Longe de serem meras leitoras passivas, as mulheres passam a reivindicar, paulatinamente, um lugar ativo na circulação, na produção e na interpretação dos textos.³

É nesse contexto que iniciativas como o *Jornal das Senhoras*⁴ adquirem relevância singular. Considerado uma das primeiras publicações brasileiras voltadas ao público feminino e escrito por mulheres, o jornal não apenas formava leitoras; ele construía uma subjetividade feminina letrada, apta a dialogar com os grandes debates intelectuais do seu tempo. Suas páginas ofereciam às mulheres modelos alternativos de existência, abrindo espaço para que elas mesmas publicassem poemas, crônicas, traduções e narrativas ficcionais. Ao inserir a literatura como traço distintivo de suas protagonistas, os folhetins publicados no jornal deslocavam uma tradição que por muito tempo associou o universo do saber exclusivamente aos homens. A figura da mulher leitora, como ocorre em personagens de José de Alencar e, de modo ainda mais sofisticado, nas de Machado de Assis, não era apenas um recurso narrativo: era um gesto político, uma forma de reinscrever a mulher no espaço público através do texto.

² MACHADO, Ubiratan. A mulher e a vida literária. In: _____. **A vida literária no Brasil durante o Romantismo**. Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 2001

³ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A leitora no banco dos réus. In: _____. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo, Ática, 1998.

⁴ Jornal das Senhoras. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700096&pesq=duelo&pagfis=1> Acesso em: 05/12/2025

Esse movimento tem efeitos profundos sobre a percepção feminina do masculino e das relações de gênero. Ao lerem, as mulheres passam a reconhecer criticamente as estruturas que regulavam suas vidas e a questionar, diretamente ou de modo simbólico, os códigos de conduta destinados a elas. Ampliava-se, assim, a distância entre a mulher idealizada, dócil, dedicada ao lar, silenciosa, e a mulher que se instruíra, que consumia literatura e que, em muitos casos, também escrevia.⁵ A leitura oferecia a elas um vocabulário para compreender o mundo e para se compreenderem dentro dele, provocando uma revisão das expectativas sobre os homens, sobre as relações hierárquicas no casamento e sobre a própria organização social. O imaginário da leitora letrada revelava, portanto, uma nova sensibilidade: uma mulher que não mais se contentava com a posição de espectadora, mas que elaborava julgamentos, interpretava narrativas, reconhecia representações distorcidas e, sobretudo, exercia agência intelectual.

Nesse horizonte, relatos como o “Duello de damas”⁶, publicados sob anonimato no *Jornal das Senhoras*, tornam-se documentos privilegiados para compreender as fissuras desse sistema. A narrativa, escrita provavelmente por uma mulher, descreve um duelo travado entre duas protagonistas movidas por questões religiosas e não por interesses amorosos ou pela interferência masculina, como ditava o senso comum oitocentista. A presença exclusiva de mulheres no conflito subverte a lógica dos duelos tradicionalmente vinculados à honra masculina, indicando que as mulheres não apenas participavam simbolicamente do universo da honra, mas também podiam ressignificá-lo segundo suas próprias experiências. A ausência de homens na narrativa não é acidental: ela instaura um cenário em que as mulheres se tornam agentes de sua própria narrativa, inserindo-se num ritual que, historicamente, lhes era negado.

Assim, ao articular leitura, escrita e práticas simbólicas de afirmação, como o duelo literário, o *Jornal das Senhoras* participa da construção de um novo imaginário feminino. Por meio dessas histórias, o jornal revela mulheres que pensam, julgam, escrevem e enfrentam conflitos por conta própria. Mais do que registrar a presença feminina no campo da literatura, tais narrativas operam como um gesto de ruptura: mostram que, ainda dentro das limitações de seu tempo, as mulheres do século XIX encontravam modos de ampliar sua agência cultural, questionando e reinventando os papéis tradicionais de gênero. Ao recuperar essas representações, este artigo busca analisar como o universo letrado do período contribuiu para

⁵ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A leitora no banco dos réus. In: _____. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo, Ática, 1998.

⁶“Duello das Damas”. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, n. 22, 1852.

a emergência de novas formas de subjetividade feminina, formas que, embora sutis, foram fundamentais para deslocar as fronteiras do possível no imaginário social oitocentista.

A CULTURA DO DUELO COMO REAFIRMAÇÃO DE IDEAIS DE MASCULINIDADE

O período que compreende os séculos XIX e XX foi profundamente marcado por mudanças nas conjunturas políticas, sociais e econômicas ao redor do globo. Na esteira do avanço do capitalismo, as ideias burguesas ganham espaço nas mentalidades e costumes, sendo inseridas em diversas camadas sociais ao longo dos anos. O reforço da virilidade foi inserido no imaginário masculino do século XIX e seus impactos são visualizados pela busca incessante da “honra viril”, que molda a condição masculina e funciona como uma lei. Homens são levados a passar por cima de seus próprios códigos de conduta pessoal e de suas crenças, para se baterem em duelos em busca da reafirmação de sua honra.

A lei da honra é contrária à moral cristã afirmada pela Igreja Católica. Porém, as Igrejas Protestantes e lojas maçônicas também encabeçaram essa “guerra de ideais” contra a defesa da honra. A honra passa a servir de ponto de apoio para a criação de uma moral laica, masculina e republicana.⁷ Apesar da discordância, alguns homens consideravam a honra a resposta contrária à razão, ou seja, a recusa de um duelo é o equivalente a ser exposto perante à sociedade como um frouxo e ver sua qualidade de homem negada. Segundo François Guillet, a defesa da honra ia muito além de questões pessoais, atingindo a capacidade de defender aqueles que estão sob a dependência dos homens, segundo a lógica viril. Ele disserta:

Demonstrando a incapacidade de um indivíduo para afirmar a sua dignidade, ou seja, para defender a consideração e a posição que almeja manter e sobre as quais repousa a estima que ele inspira a si mesmo e aos outros, a carência revela ainda, em filigrana, a inaptidão para proteger aqueles que se encontram na dependência dele, mulher, filhos, família ou para ser solidário ao grupo com o qual possui um vínculo particular.⁸

A prática do duelo não se origina diretamente da busca pela reafirmação da virilidade masculina ou da conquista da honra pessoal. Historicamente, os duelos constituem uma prática associada às elites aristocráticas europeias desde a Idade Moderna, sobretudo a partir do século XVI, quando a difusão da esgrima e a formação de escolas especializadas,

⁷ GUILLET, François. **História da Virilidade: O triunfo da Virilidade, o Século XIX**- Vol. 2. Petrópolis: Vozes, 2013

⁸ GUILLET, 2013, p.103

particularmente na França e na Itália, contribuíram para a formalização de códigos de conduta ligados à defesa da honra. Ao longo do século XIX, contudo, observa-se um processo de apropriação desses valores aristocráticos por setores burgueses e por parcelas das elites políticas e intelectuais, que passaram a mobilizar o duelo como forma de preservação da reputação e de afirmação de determinados ideais de masculinidade⁹.

Nesse contexto, a honra e a virilidade aparecem como conceitos próximos, embora não equivalentes. Enquanto a honra diz respeito à posição social, à reputação pública e ao reconhecimento entre pares, a virilidade associa-se a ideais de masculinidade que incluem coragem, autocontrole e disposição para defender a própria reputação. Assim, mais do que conquistar honra, os duelos frequentemente funcionavam como um mecanismo simbólico de sua manutenção diante de ofensas públicas ou disputas políticas.

No contexto latino-americano, a prática do duelo foi apropriada pelas elites políticas e intelectuais, articulando-se às disputas por prestígio, legitimidade pública e reconhecimento social. Entre o final do século XIX e o início do XX, o duelo passou a integrar os códigos de sociabilidade de determinados grupos dirigentes, funcionando como um mecanismo simbólico de regulação de conflitos e de defesa da reputação pública.¹⁰ Nesses casos, mais do que a violência em si, o duelo expressava a adesão a um conjunto compartilhado de valores associados à honra masculina e ao pertencimento a círculos sociais específicos.

Em diferentes países da região, essa prática esteve também profundamente vinculada à cultura política do período, sendo mobilizada por homens públicos como forma de responder a insultos, acusações e disputas de reputação que circulavam na imprensa e no debate público. Ao mesmo tempo, os duelos frequentemente se situavam em uma zona ambígua entre ilegalidade formal e tolerância social, revelando tensões entre a consolidação de sistemas jurídicos modernos e a permanência de códigos tradicionais de honra entre as elites.

Esse combate era organizado por meio de Códigos Cavalheirescos¹¹, que ditavam as normas e condutas para que o duelo fosse considerado honroso. Os duelistas consideravam esses códigos como regras, o elevando ao status de lei. Os códigos eram redigidos como códigos legais, com artigos e incisos, quase como uma legislação e semelhantes a livros de

⁹ GUILLET, François. **História da Virilidade: O triunfo da Virilidade, o Século XIX-** Vol. 2. Petrópolis: Vozes, 2013

¹⁰ GAYOL, Sandra. **Honor y Duelo en la Argentina Moderna.** Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2008.

¹¹ THOMPSON FLORES, Mariana Flores da Cunha. “‘En un país en donde el honor es máspreciado que la vida’: os códigos cavalheirescos e os fundamentos de defesa da honra no Prata”. **Crime e Justiça: reflexões, fontes e possibilidades de pesquisa.** Eds. Maíra Vendrame, Cláudia Mauch e Paulo R. S. Moreira. São Leopoldo: Oikos, 2018. 366-383

etiqueta codificados¹². Há uma gama de códigos, oriundos de diversas partes da Europa e América Latina, cada um expressando a forma como enxergava a ocorrência de duelos.

Dentro desses códigos podemos citar a necessidade de testemunhas, médicos e padrinhos, além da igualdade de armas e a política do “primeiro sangue”, na qual o embate acabava quando um dos combatentes se ferisse. O propósito do código não era incentivar os combates, mas informar regras para aqueles que estavam desejando duelar.

Os códigos compartilhavam uma base doutrinária em comum. De forma codificada, aludiam sobre todos os procedimentos do desafio, a presença de padrinhos, graus de ofensa e direitos do ofendido, escolha de armas e disposição dos duelistas no momento do ato. Obedecer aos códigos era uma garantia de um lance leal, legítimo e honroso, assegurando igualdade e prevenindo homicídios.

Só era permitido entrar em polêmicas e fazer acusações àqueles que garantissem que se fossem chamados a dar satisfação, aceitariam o duelo. Aceitar um duelo significava contrair um compromisso onde o duelista declarava, mesmo que implicitamente, aceitar o opositor como um homem digno¹³. O duelo poderia ser recusado apenas no caso de uma das partes não reconhecer o opositor como um cavalheiro, por invalidez física ou idade avançada.

Os duelos preenchiavam páginas diárias nos jornais, mobilizavam aulas de esgrima ministradas por professores franceses e fomentavam a circulação de códigos de condutas cavalheirescos. Além disso, geravam uma espécie de competição entre os participantes, que frequentemente se orgulhavam do número de duelos em que haviam estado envolvidos. Essa prática também instaurava uma necessidade quase compulsória de duelar, vista como um requisito indispensável para alcançar aceitação e reconhecimento social dentro dos círculos da elite.¹⁴

A prática dos duelos trazia uma civilidade à prática de resolução de conflitos privados e configurava um acontecimento cada vez mais recorrente entre a elite, principalmente os homens públicos. Os duelos adentraram no imaginário da população brasileira, sendo ligado a uma sensação de pertencimento a essa “sociedade moderna”, por meio da imprensa e a veiculação de notícias, e a literatura, entretenimento que carregava em seu interior o embate entre homens que buscavam a retomada de suas honras.¹⁵

¹² THOMPSON FLORES, Mariana Flores da Cunha. Práticas de justiça privada: os duelos de honra no Brasil e a retórica de legitimidade. In: SUBTIL, José; ATALLAH, Cláudia Azeredo; MOTA, Maria Sarita (orgs). **Criminalidades, Direito e Justiça no Mundo Ibérico**. Buenos Aires: Editora teseo, 2022.

¹³ THOMPSON FLORES, 2018

¹⁴ GAYOL, Sandra. **Honor y Duelo en la Argentina Moderna**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2008.

¹⁵ THOMPSON FLORES, Mariana Flores da Cunha; RODRIGUES REMEDI, J. M. Duelos impressos: a circulação de notícias sobre duelos na imprensa brasileira. Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, 1910-1930. **Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura**, [S. l.], v. 48, n. 2, p. 209–240, 2021

O JORNAL DAS SENHORAS E A FORMAÇÃO DA CULTURA LETRADA NO IMAGINÁRIO FEMININO

Em meio a uma sociedade que exaltava a busca incessante dos homens pela defesa de sua honra pessoal, as mulheres brasileiras do século XIX permaneciam confinadas a um ideal que lhes reservava funções rígidas: ser mães dedicadas, esposas exemplares e zelosas guardiãs do lar. A rua era vista como um ambiente perigoso para as mulheres oitocentistas, então seus dias eram passados dentro de suas casas conversando, sonhando ou tocando piano, visto que poucas mulheres haviam sido ensinadas a ler.¹⁶

Ler era considerado danoso para as mulheres visto que “ainda vigorava a mentalidade de que letras e tretas só serviam para atrapalhar a mulher. Se fosse analfabeta, ótimo. Para as que aprendiam a ler, muitas delas contrariando a orientação doméstica, bastava a leitura do missal”¹⁷. Além disso, as mulheres brasileiras eram frequentemente comparadas às europeias, que naquele período não apenas cultivavam o hábito da leitura, mas também se destacavam como autoras de seus próprios romances¹⁸, tomando como exemplo Jane Austen e Emily Brontë. Alguns cronistas que vieram ao Brasil não mediam esforços para comparar a falta de instrução das mulheres brasileiras

É preciso que se lembre que as mulheres das classes altas e médias, e especialmente as mais moças, vivem muito mais reclusas que em nossa própria terra. O pouco contacto que os costumes com elas permitem, dentro em breve, põe a nu a sua falta de educação e instrução¹⁹

Foi somente após a Independência que a instrução feminina passou a ser, ainda que de forma marginal, incorporada ao projeto educacional da nova nação²⁰. Apesar disso, o pouco conhecimento que era passado para as mulheres se restringia a música, francês, dança, costura e algumas (poucas) obras literárias que lhes eram oferecidas. Elizabeth e Louis Agassiz comentam sobre esse conhecimento nichado presente na vida feminina

¹⁶ MACHADO, Ubiratan. A mulher e a vida literária. In: _____. **A vida literária no Brasil durante o Romantismo**. Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 2001

¹⁷ MACHADO, Ubiratan. 2001 p. 256

¹⁸ MEYER, Marlyse. Mulheres romancistas inglesas do século XVIII e romance brasileiro. In: _____. **Caminhos do imaginário no Brasil**. São Paulo, EDUSP, 1993.

¹⁹ LUCCOCK, John. Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil. Trad. de Milton da Silva Rodrigues. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975, p. 75.

²⁰ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A leitora no banco dos réus. In: _____. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo, Ática, 1998.

A educação que lhes dão, limitada a um conhecimento sofrível de Francês e Música, deixa-as na ignorância de uma multidão de questões gerais: o mundo dos livros lhes está fechado, pois é reduzido o número de obras portuguesas que lhes permitem ler, e menor ainda o das obras a seu alcance em outras línguas. Pouca coisa sabem da história de seu próprio país, quase nada da de outras nações, e nem parecem suspeitar que possa haver outro credo religioso além daquele que domina no Brasil.²¹

Ainda assim, quando as mulheres passam a ser inseridas dentro do mundo da cultura letrada, são amplamente criticadas pelos homens pois não leem a “grande literatura” mas, sim a literatura popular publicada nos folhetins.

Ora em casa também pouco se lê; na máxima parte delas não há livros, nem como alfaías da sala de visitas ou do gabinete de conversa. Afora romances franceses e os romances-folhetim das folhas diárias, a nossa mulher nada lê, e aqueles mesmos escolhe-os mal.²²

Essa construção da figura da leitora feminina começa a se transformar no momento em que os próprios literatos passam a incorporar, em suas narrativas, a literatura como um traço marcante de suas protagonistas. Machado de Assis, por exemplo, cria personagens femininas que revelam interesse pela leitura e um desejo genuíno de instrução. É o caso de Capitu, em *Dom Casmurro*, cuja curiosidade intelectual se destaca no romance.

As curiosidades de Capitu dão para um capítulo. [...] Gostava de saber tudo. No colégio onde, desde os sete anos, aprendera a ler, escrever e contar, francês, doutrina e obras de agulha, não aprendeu, por exemplo, a fazer renda; por isso mesmo, quis que a prima Justina lho ensinasse. Se não estudou latim com o padre Cabral foi porque o padre, depois de lho propor gracejando, acabou dizendo que latim não era língua de meninas. Capitu confessou-me um dia que esta razão acendeu nela o desejo de o saber. Em compensação, quis aprender inglês com um velho amigo do pai e parceiro desde ao solo, mas não foi adiante (...).

Ainda assim, estou que aprenderia facilmente pintura, como aprendeu música mais tarde. Já então namorava o piano da nossa casa, velho traste inútil,

²¹ AGASSIZ, Louis e Eliza eth Cary. **Viagem ao Brasil** 1865-1866. Trad. de João Etienne Filho. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 195, p. 28

²² VERÍSSIMO José. “Leitura e livros”. Publicado originalmente no Almanaque Brasileiro Garnier de 1904. Reproduzido em Caderno de Leitura nº 4. São Paulo: Edusp, 1997, p. 10.

apenas de estimação. Lia os nossos romances, folheava os nossos livros de gravuras, querendo saber das ruínas das pessoas, das campanhas, o nome, a história, o lugar.²³

Aurélia, protagonista de *Senhora*, de José de Alencar, é também uma leitora assídua. Familiarizada com os autores de seu tempo e, em contraste com seu par romântico, Seixas, demonstra menor apreço pelos românticos, revelando-se sobretudo admiradora dos clássicos, entre eles, Shakespeare.

Seixas incumbia-se da leitura, e Aurélia escutava sentada a seu lado. Às vezes, ou porque se distraísse um momento, ou por sofreguidão de antecipar a narração, reclinava-se para correr os olhos pela página, onde ia brincar um anel de seus cabelos castanhos.

Aurélia não gostava de Byron, embora o admirasse. Seu poeta querido era Shakespeare, em que achava não o simples cantor, mas o sublime escultor da paixão²⁴.

É dentro desse contexto que nasce o *Jornal das Senhoras*, considerado a primeira publicação brasileira voltada especificamente ao público feminino e produzida por mulheres, inaugurando um espaço singular de expressão e instrução para suas leitoras.

Fundado em 1º de janeiro de 1852, por Joana Paula Manso de Noronha, no Rio de Janeiro. Periódico dominical, possuía seções sobre moda, literatura, belas-artes, teatro e crítica. Possuindo oito páginas com duas colunas, o público podia encontrar cartas, versos, traduções de artigos e narrativas ficcionais.

A fundadora anuncia seu objetivo na primeira edição, na carta aos assinantes:

Ora pois, uma Senhora à testa da redação de um jornal! que bicho de sete cabeças será? [...] A sociedade do Rio de Janeiro acolherá decerto com satisfação e simpatia o *Jornal das Senhoras*, redigido por uma senhora mesma, por uma americana que, se não possui talentos, pelo menos tem a vontade e o desejo de propagar a ilustração e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher.²⁵

Além de Joana, o periódico ainda contou com mais editoras chefe, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco e Gervásia. Todas as editoras se afastaram por razões financeiras, visto que era muito complicado manter um periódico independente nesse período.

²³ ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. 105 p. (Obras Completas. v. 1).

²⁴ ALENCAR, José de. **Senhora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013

²⁵ *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, n.01, 1852.

Ainda que os índices de alfabetização no início do século XX indiquem um contingente significativo de leitores, cerca de 25% da população brasileira alfabetizada em 1910 e aproximadamente 56% no Rio de Janeiro, então capital da República²⁶, a sustentação de um periódico destinado ao público feminino continuava a enfrentar obstáculos expressivos.

Esses entraves não se restringiam ao acesso à leitura, mas envolviam fatores econômicos, a limitada autonomia intelectual atribuída às mulheres e as restrições simbólicas que circunscreviam sua participação no espaço público. Assim, mesmo em um contexto de crescimento relativo da cultura letrada, a circulação de um jornal feminino dependia de estratégias específicas de sobrevivência editorial, revelando as tensões entre expansão do letramento e a persistência das hierarquias de gênero no campo cultural²⁷.

O principal propósito do *Jornal das Senhoras* consistia na promoção da emancipação moral das mulheres brasileiras. À luz desse objetivo, torna-se possível compreender que os artigos e as narrativas ficcionais veiculados pelo periódico estavam intrinsecamente articulados a esse projeto. Com efeito, muitas das publicações assumiram um tom abertamente crítico em relação à concepção masculina dominante segundo a qual as mulheres deveriam ser mantidas afastadas de tudo aquilo que pudesse instruí-las, elevar seu espírito e ampliar seus horizontes intelectuais. As autoras entendiam por “emancipação da mulher” fornecer instrução e educação às mulheres, como é possível ver nesse seguinte trecho:

A leitura meus amigos!... sabeis vós bem o que é a leitura?! é de todas as artes a que menos custa e a que mais rende. Há livros, que, semelhantes a barquinhas milagrosas, incorruptíveis e inaufragáveis, nos levam pelo oceano das idades a descobrir, visitar e conhecer todo o mundo, que lá vai: os povos antigos revivem para nós com todos os seus usos, costumes, trajes, feições, crenças, ideias, vícios, virtudes, interesses e relações: a história é a mestra da vida, e as suas lições, ampliação e complemento ao nosso juízo natural.²⁸

O *Jornal das Senhoras* manteve-se em circulação até 1855, carregando em seu âmago o projeto de instruir as mulheres e torná-las mais conscientes de seu papel na sociedade oitocentista. Em sua última edição, a editora-chefe fez questão de assinalar que o periódico entrava apenas em uma pausa temporária, alimentando a expectativa de um retorno futuro que, contudo, nunca se concretizou. Os motivos que levaram ao encerramento definitivo do

²⁶ SENA, Bruno Dal Bosco. O malho e a Chibata: charges da revolta dos marinheiros de 1910. Trabalho de Conclusão de Graduação. Universidade Federal de Santa Maria. 2025

²⁷ Fato que pode ser visualizado na falta de explicitação da tiragem do jornal. Todas as informações sobre sua circulação fazem referência ao valor e aos brindes enviados no início de cada mês.

²⁸ *Jornal das Senhoras*, 1853, p. 246

jornal permanecem pouco esclarecidos, não havendo registros documentais precisos que expliquem as razões de sua descontinuidade.

Fazemos uma parada, que julgamos necessária, no proximo anno de 1856; e com o favor de Deus o Jornal da Senhoras reaparecerá em 1857, para prosseguirmos ao honroso fim a que nos propusemos, cultivando com esmero e immascerssíveis flores do caminho tão nobremente encetado pela nossa antiga redactora, a Sra. D. Joanna Paulo de Noronha.

(...) Que nossas nobres assignantes nos relevem pois esta deliberação que tomamos, e que esperem pelo dia em que lhe revelemos a razão de suspendermos hoje a publicação do *jornal das Senhoras*.²⁹

A FICÇÃO SOBRE DUELOS DENTRO DE UM PERIÓDICO FEMININO

A união desse universo honroso, tão característico dos homens oitocentistas, transborda para o âmbito feminino letrado por meio da literatura divulgada nos folhetins que o *Jornal das Senhoras* trazia em seu cerne. Ao incorporar temas como o duelo, expressão máxima da virilidade e da defesa pública da honra masculina, o periódico oferecia às suas leitoras um contato direto com códigos de conduta tradicionalmente reservados ao universo masculino.

A leitura dos folhetins desempenhou papel fundamental na formação da cultura letrada no interior do imaginário feminino. Tal importância torna-se evidente quando se analisam obras literárias que representam a mulher como leitora assídua de romances em folhetim, familiarizada com os clássicos franceses e capaz de comentá-los ao longo da narrativa. Essas representações não apenas atestam a centralidade da leitura na experiência feminina, mas também revelam o lugar que o folhetim ocupou como mediador cultural na construção de sensibilidades, repertórios literários e práticas intelectuais entre as mulheres.

Machado de Assis, em Helena, apresenta a personagem D. Úrsula, como uma mulher que tem predileção pelo romance folhetim *Saint-Clair das Ilhas*, conhecido como um dos primeiros folhetins amplamente divulgados nos periódicos brasileiros.

Na seguinte manhã, Estácio levantou-se tarde e foi direito à sala de jantar, onde encontrou D. Úrsula, pachorrentamente sentada na poltrona de seu uso, ao pé de uma janela, a ler um tomo do *Saint-Clair das Ilhas*, enternecida pela centésima

²⁹*Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, n.52, 1855.

vez com as tristezas dos desterrados da ilha da Barra; boa gente e moralíssimo livro, ainda que enfadonho e maçudo, como outros de seu tempo.³⁰

Esse apreço pela literatura de folhetim revela não apenas um hábito de leitura, mas a inserção das mulheres no circuito das sensibilidades românticas que marcaram o século XIX. Ao acompanhar romances seriados amplamente difundidos nos periódicos, como *Saint-Clair das Ilhas*, personagens femininas como D. Úrsula tornam-se depositárias de um repertório literário que articula emoção, moralidade e conflito.

Publicado em 1891, *Quincas Borba*³¹, romance de Machado de Assis cuja ação se desenrola em torno da década de 1870, evidencia que *Saint-Clair das Ilhas* ainda figurava entre as leituras recorrentes do repertório bibliográfico dos leitores de classe média no Rio de Janeiro da época.

Logo que Rubião dobrou a esquina da rua das Mangueiras, D. Tonica entrou e foi ao pai, que se estendera no canapé, para reler o velho *Saint-Clair das Ilhas* ou os desterrados da ilha da Barra. Foi o primeiro romance que conheceu; o exemplar tinha mais de anos; era toda a biblioteca do pai e da filha. Siqueira abriu o primeiro volume, e deitou os olhos ao começo do cap. II, que já trazia de cor. Achava-lhe agora um sabor particular, por motivo dos seus recentes desgostos: “Enchei bem os vossos copos, exclamou Saint-Clair, e bebamos de uma vez; eis o brinde que vos proponho. À saúde dos bons e valentes oprimidos, e ao castigo dos seus opressores. Todos acompanharam Saint-Clair, e foi de roda a saúde”.³²

A leitura dos folhetins, portanto, funcionava como uma forma de mediação cultural: ao mesmo tempo em que educava a sensibilidade feminina, introduzia as mulheres no imaginário da honra e do confronto, contribuindo para moldar suas percepções sobre masculinidade, moral e relações sociais. Desse modo, o gosto pelos romances de folhetim evidencia como a experiência da leitura se tornava um espaço privilegiado de negociação entre emoção, moralidade e os valores que estruturavam a sociedade oitocentista.

Diante do interesse feminino pela literatura de folhetim, é possível indagar de que maneira temas como o duelo e os códigos de honra, tradicionalmente associados ao universo masculino, passaram a integrar o repertório de leitura dessas senhoras. A presença recorrente dessas temáticas nas narrativas consumidas por mulheres sugere que o folhetim não se

³⁰ ASSIS, Machado de. **Helena**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

³¹ Interessante relembrar que o próprio romance, *Quincas Borba*, foi publicado em uma revista vinculada ao público feminino.

³² ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012

limitava ao registro do sentimental, mas também colocava em circulação valores, práticas e imaginários centrais da sociedade oitocentista. Nesse sentido, a literatura aparece como um espaço privilegiado para observar como tais códigos eram apresentados, assimilados e reinterpretados no interior da cultura letrada feminina.

A história “Duello de Damas”, provavelmente escrita por uma mulher, já que não traz assinatura, ilustra de maneira expressiva a dinâmica editorial e cultural que permeava o *Jornal das Senhoras*. A ausência de autoria explícita não é um detalhe acidental, mas parte de uma prática recorrente entre escritoras do século XIX, que frequentemente recorriam ao anonimato para contornar as barreiras sociais impostas à participação feminina no campo literário. A própria redatora do periódico estimulava suas leitoras a enviarem textos sem assinatura, reconhecendo tanto o desejo de expressão dessas mulheres quanto o peso do preconceito que poderia recair sobre aquelas que ousassem se expor publicamente como autoras³³. Ao acolher tais produções, o jornal não apenas oferecia um espaço seguro de publicação, mas também contribuía para legitimar, ainda que de forma velada, a presença feminina no universo das letras.

Eis-nos pois em campanha; o estandarte da illustração ondula gracioso á briza perfumada dos Tropicos: acolhei-vos a elle, todas as que possuis uma faísca de intelligencia, vinde. Confidente discreto das vossas producções literarias; ellas serão publicadas debaixo do anonimo: porem não temas confiar-mo-las, nem temas das expansão ao vosso pensameto; se o possuis é porque é dom Divindade, e aquillo que Deus dá, os homens não o podem roubar.³⁴

No enredo de “Duello de Damas”, a prática do duelo, tradicionalmente associada ao universo masculino e à defesa da honra viril, é transposta para o ambiente feminino, revelando um jogo literário que desafia, ainda que de forma sutil, as expectativas de gênero da época. A narrativa apresenta duas mulheres que, movidas por um conflito de natureza religiosa, recorrem ao duelo como meio de resolver suas divergências, deslocando para o campo feminino um ritual de honra até então quase exclusivamente masculino. Esse deslocamento literário é significativo: ao atribuir às personagens mulheres a capacidade de agir segundo códigos de coragem, fé e rivalidade moral, o texto sugere que a sensibilidade feminina também se insere na esfera dos grandes dilemas éticos e simbólicos. Ao mesmo tempo, o caráter religioso da disputa reforça a ideia de que sua motivação não é a paixão

³³ MEYER, Marlyse. **Folhetim**: Uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

³⁴ *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, n.01, 1852.

mundana, mas um ideal elevado, culturalmente legitimado, o que torna o duelo feminino não um escândalo, mas uma metáfora para a profundidade das convicções dessas personagens.

A ausência de homens nesse duelo entre duas mulheres é particularmente significativa, sobretudo em um período em que o universo do confronto era tradicionalmente associado ao masculino. Esse vazio masculino não apenas desloca o eixo da narrativa para a agência feminina, como evidencia um espaço de conflito que se organiza sem a mediação direta dos homens, subvertendo as expectativas de gênero. Ao colocar duas mulheres como protagonistas de um duelo motivado por questões religiosas, a história revela que elas não apenas consomem literatura ou vivem à sombra de códigos masculinos de honra, mas também são capazes de agir, decidir e enfrentar dilemas que, até então, eram lidos como exclusivos do masculino. A religião, nesse contexto, torna-se o gatilho de um embate que fala menos sobre fé e mais sobre autoridade e legitimidade: quem tem o direito de interpretar, defender ou representar um valor considerado “superior”?

“Fora, fora a feiticeira... não está aberta a igreja para taes excommungados”
- bradava a chusma empurrando a misera para fora da capella.
“Não sou feiticeira nem excommungada, meus irmãos...” - contestava a rapariga com ademanes de supplicanie. - “Se o é meu marido, nem por isso deixo de ser espanhola e catholica, como vós sois; e não podeis empecer-me que venha requerer para meu filho o baptismo, que merece tanto como vós merecestes...”³⁵

Assim, o fato de o duelo não envolver homens expõe um território de autonomia feminina raro para o período, permitindo que as personagens disputem não apenas uma crença, mas um espaço simbólico de poder. A narrativa, ao silenciar a figura masculina, ilumina justamente aquilo que a sociedade tentava esconder, a capacidade de mulheres conduzirem seus próprios conflitos e negociarem sua presença no mundo público por meio da palavra, da ação e, nesse caso, do próprio duelo.

A apropriação do duelo pelas personagens não se dá de forma improvisada ou caricatural; ao contrário, a narrativa pressupõe um conhecimento prévio e compartilhado dos códigos que regulavam essa prática. As mulheres envolvidas no conflito demonstram familiaridade com os rituais, com o sentido moral do enfrentamento e com a lógica que transforma o duelo em uma instância legítima de resolução de disputas. Essa consciência dos códigos de honra sugere que o duelo, enquanto prática simbólica, já havia sido amplamente difundido no imaginário cultural da época, inclusive entre o público feminino, sobretudo por

³⁵“Duello das Damas”. *Jornal das Senhoras*, p. 4.

meio da literatura romântica e dos folhetins que circulavam nos periódicos. O texto, assim, não apresenta mulheres que imitam um comportamento masculino de maneira desajeitada, mas personagens que dominam o vocabulário moral e ritualístico do duelo, apropriando-se dele com intencionalidade.

Esse domínio dos códigos do duelo revela o papel central da leitura na formação da sensibilidade feminina oitocentista. Ao consumir narrativas nas quais o duelo figurava como expressão de honra, virtude e coerência moral, as mulheres incorporavam não apenas a trama, mas também as estruturas simbólicas que organizavam esse tipo de confronto. A literatura funcionava, portanto, como uma pedagogia informal da honra, capaz de ensinar às leitoras quando, por que e de que maneira o duelo poderia ser mobilizado como gesto legítimo. Em “Duello de Damas”, essa aprendizagem torna-se visível: as personagens sabem que o duelo não é um ato impulsivo, mas um ritual que exige justificativa moral elevada, regras claras e reconhecimento mútuo da dignidade da adversária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do Jornal das Senhoras e das narrativas nele veiculadas, especialmente o “Duello de damas”, revela a complexidade do processo de inserção das mulheres no universo letrado do século XIX. Longe de serem figuras passivas na história da leitura, as mulheres que escreviam e liam o jornal apropriaram-se do folhetim como espaço de agência e elaboração simbólica. A presença feminina, tanto como público leitor quanto como produtora de conteúdo, ainda que frequentemente sob anonimato, evidencia uma lenta, porém significativa, transformação na forma como elas se relacionavam com a cultura escrita e, por extensão, com sua própria posição social.

Os folhetins, ao incorporarem elementos tradicionalmente associados ao universo masculino, como o duelo, a honra e os códigos de cavalheirismo, não apenas aproximam suas leitoras desses repertórios, mas também operam uma espécie de tradução cultural, convertendo práticas de afirmação masculina em artefatos de reflexão e sensibilidade feminina. O “Duello de damas” é exemplar nesse sentido: ao apresentar um duelo protagonizado por mulheres e motivado por questões religiosas, a narrativa desloca os limites do que se compreendia como prática exclusivamente viril. A ausência de homens não constitui um mero detalhe, mas um gesto simbólico que concede às personagens femininas o monopólio da ação, da decisão e da defesa de valores que, na sociedade oitocentista, eram codificados como masculinos.

Esse tipo de representação literária contribui para a construção de um imaginário no qual as mulheres não são apenas destinatárias da moralidade, mas também intérpretes e agentes dela. A travessia do espaço privado para o espaço simbólico, o lugar onde se produzem as sensibilidades, as expectativas e os modelos normativos de comportamento, permite que as mulheres se reconheçam como sujeitos capazes de agir, julgar e intervir nas narrativas que moldam a sociedade. O folhetim, portanto, não funcionava apenas como entretenimento; era também um laboratório de identidades, um terreno fértil no qual se testavam novas formas de ser mulher, e no qual se ampliavam as fronteiras das práticas simbólicas atribuídas a elas.

Assim, ao observar a circulação de temas como a honra e o duelo dentro de um periódico destinado às mulheres, percebe-se como o *Jornal das Senhoras* desempenhou um papel central na construção de uma nova sensibilidade feminina, uma sensibilidade que passa a compreender, questionar e, em certa medida, apropriar-se de elementos estruturantes da cultura de seu tempo. O jornal contribuiu, ainda que de modo sutil, para a erosão das fronteiras rígidas entre o masculino e o feminino, demonstrando que a literatura podia ser instrumento de deslocamento das normas sociais e de invenção de novos lugares para as mulheres na vida cultural.

Portanto, as narrativas analisadas mostram que, mesmo dentro dos limites impostos pelo patriarcado, as mulheres encontraram brechas para agir e significar o mundo de outras maneiras. A literatura publicada no *Jornal das Senhoras* não apenas refletia o universo feminino, mas também o reconfigurava. Ao colocar mulheres no centro da ação, seja como leitoras críticas, seja como protagonistas de conflitos tradicionalmente masculinos, o jornal projetava outras possibilidades de existência e contribuía para a lenta, porém decisiva, transformação do imaginário social oitocentista. Reconhecer essa contribuição é fundamental para compreender o papel das mulheres na história da cultura letrada brasileira e para perceber como o folhetim se tornou um espaço privilegiado de negociação, tensão e reinvenção das identidades de gênero.

REFERÊNCIAS

- AGASSIZ, Louis e Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil** 1865-1866. Trad. de João Etienne Filho. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 195, p. 28
- ALENCAR, José de. *Senhora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013
- ALLER, Germán. Resenha histórica de la ley penal uruguaya. In: **Dogmática de la acción y 'práxis penal'**. Montevideo: Bde F, 2008, pp.7-22.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. 105 p. (Obras Completas. v. 1).

ASSIS, Machado de. **Helena**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012

BRAGA-PINTO, César. **A violência das letras: amizade e inimizade na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018.

GAYOL, Sandra. **Honor y Duelo en la Argentina Moderna**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2008.

GUILLET, François. **História da Virilidade: O triunfo da Virilidade, o Século XIX- Vol. 2**. Petrópolis: Vozes, 2013

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A leitora no banco dos réus. In: _____. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo, Ática, 1998.

MACHADO, Ubiratan. A mulher e a vida literária. In: _____. **A vida literária no Brasil durante o Romantismo**. Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 2001

MEYER, Marlyse. **Folhetim: Uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MEYER, Marlyse. Mulheres romancistas inglesas do século XVIII e romance brasileiro. In: _____. **Caminhos do imaginário no Brasil**. São Paulo, EDUSP, 1993.

SENA, Bruno Dal Bosco. **O malho e a Chibata: charges da revolta dos marinheiros de 1910**. Trabalho de Conclusão de Graduação. Universidade Federal de Santa Maria. 2025

THOMPSON FLORES, Mariana Flores da Cunha; RODRIGUES REMEDI, J. M. Duelos impresos: a circulação de notícias sobre duelos na imprensa brasileira. Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, 1910-1930. **Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura**, [S. l.], v. 48, n. 2, p. 209–240, 2021

_____. ““En un país en donde el honor es máspreciado que la vida’: os códigos cavalheirescos e os fundamentos de defesa da honra no Prata”. **Crime e Justiça: reflexões, fontes e possibilidades de pesquisa**. Eds. Máira Vendrame, Cláudia Mauch e Paulo R. S. Moreira. São Leopoldo: Oikos, 2018. 366-383

_____. Práticas de justiça privada: os duelos de honra no Brasil e a retórica de legitimidade. In: SUBTIL, José; ATALLAH, Cláudia Azeredo; MOTA, Maria Sarita (orgs). **Criminalidades, Direito e Justiça no Mundo Ibérico**. Buenos Aires: Editora teseo, 2022.

VERÍSSIMO José. “**Leitura e livros**“. Publicado originalmente no Almanaque Brasileiro Garnier de 1904. Reproduzido em Caderno de Leitura nº 4. São Paulo: Edusp, 1997 , p. 10.